

## **Porque o ouvido não tem pálpebras: Latitudes Latinas, mediação cultural e descolonização da escuta**

*La posibilidad de una reforma cultural profunda en nuestra sociedad depende de la descolonización de nuestros gestos, de nuestros actos, y de la lengua con que nombramos el mundo (Silvia Rivera Cusicanqui)*

### **RESUMO**

Propõe-se neste trabalho discutir, a partir das artes - e em particular de uma experiência em rádio - nosso papel como mediadorxs e, ao mesmo tempo, como profissionais dedicadxs à difusão cultural e à formação de novas gerações de pesquisadorxs, educadorxs, mediadorxs. Busca-se discutir abordagens que perpetuam o entendimento equivocado de que nestas latitudes não há nada digno de interesse, nada que valha a pena ser conhecido - seja no âmbito da criação artística, seja no âmbito da produção teórica. Entre as questões norteadoras da discussão proposta incluem-se indagações sobre o acervo, a bibliografia e xs autorxs que subsidiam nossos cursos, nossas pesquisas, nossos estudos.

**Palavras-chave:** música e cultura latino-americana, mediação, descolonialização

Carlos Bonfim<sup>1</sup>  
Latitudes Latinas  
Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos  
Universidade Federal da Bahia  
latitudea@gmail.com

Pense numa música boliviana. Agora aperte play e ouça, por exemplo, Ukamau y Ke, Timpana ou Nina Uma. Pense agora no Paraguai. Aperte play e ouça Revolver, Yenia Rivarola, Paiko ou Ripe Banana Skins. E poderíamos seguir continente afora e mencionar o rock feito por bandas que na Guatemala ou no sudeste mexicano cantam em línguas como o kaqchikel ou tsotsil; poderíamos falar também do blues-rock em quéchua feito por músicos peruanos, do jazz feito na Colômbia, na Bolívia e na Venezuela e do rap feito por jovens indígenas do Equador ou do Mato Grosso do Sul. Isto para ficar em poucos, pouquíssimos exemplos musicais. Porque poderíamos seguir com literatura, teatro, cinema, dança, artes visuais...

Nosso conhecimento sobre o que ocorre em diversos países destas latitudes é nulo. Ou estereotipado. Sim, poderíamos dizer que desconhecemos também a produção artística

---

<sup>1</sup> Bolsista da CAPES, Processo BEX 6183 - 14-0.

realizada em outros continentes. E poderíamos recordar do mesmo modo que toda cultura termina realizando leituras redutoras, e sobretudo hierarquizadas de outras.<sup>2</sup> Mas não nos inquietará tanto desconhecimento sobre o que ocorre justamente aqui ao lado? Quais as consequências concretas, cotidianas deste alheamento?

Dadas as dinâmicas históricas, políticas e culturais pelas quais passaram nossos países, é compreensível que um(a) habitante destas latitudes eventualmente desconheça a vigorosa produção artística da região. Mas que dizer dos espaços institucionais de formação que têm entre seus objetivos justamente formar profissionais que atuarão - de diferentes formas - como mediadorxs culturais? Que dizer dos espaços dedicados fundamentalmente à difusão cultural? Das políticas públicas, da formação de público e, por extensão, da formação de nossa sensibilidade estética, ou ainda, de nossa cidadania cultural? Que dizer do modo como nos contamos nossa história cultural? E que dizer ainda dos temas e da bibliografia de nossos cursos, das pesquisas que realizamos nós, que tanto prezamos pela diversidade?

Afirma Jacques Attali que a música - a arte, poderíamos dizer - atua como espelho e como profecia. Espelho porque reflete uma realidade em movimento, porque reflete a "fabricação da sociedade"; e profecia porque aponta os possíveis rumos de nossas sociedades, porque "explora, dentro de um código dado, todo o campo do possível." (ATTALI, 1995: 15-22)

Daí que o que pretendo discutir aqui tenha como eixo as artes - e em particular a música que se faz hoje nestas nossas latitudes. Porque entendo que - para além dos estudos sociológicos, antropológicos, políticos, econômicos - é também neste âmbito do estético, neste âmbito do simbólico, que poderíamos explorar algumas das diversas indagações que fazemos há mais de um século sobre as dinâmicas culturais e sociais destas latitudes. E mais: sobre nosso papel crucial como educadorxs / mediadorxs nestes contextos. Deste modo, retomo neste texto algumas questões que propus para o debate sobre mediação cultural durante o I Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade, realizado em novembro de 2013 na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), em Foz do Iguaçu.

---

<sup>2</sup> Tal como aponta Pierre Clastres, o etnocentrismo é "uma propriedade formal de toda formação cultural, como imanente à própria cultura." Toda cultura opera "uma divisão entre ela mesma, que se afirma como representação por excelência do humano, e os outros, que participam da humanidade apenas em grau menor." (CLASTRES, 2004: 58)

A fim de esquivar recorrentes diagnósticos pessimistas sobre o que (não) nos ocorre, destaco aqui algumas iniciativas que buscam atuar justamente na difusão - no Brasil - das culturas destas latitudes. Pela facilidade de acesso a todas as etapas de realização, bem como pela necessidade de esboçar com este escrito também uma breve reflexão sobre nosso projeto, tomo como referência para minha argumentação algumas das ações que realizamos a partir de Latitudes Latinas ([www.latitudeslatinas.com](http://www.latitudeslatinas.com)), projeto de extensão vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC), da Universidade Federal da Bahia.

### **Latitudes Latinas: porque o ouvido não tem pálpebras**

Latitudes Latinas é um programa de rádio. Sim, mas não apenas. O programa de rádio funciona como um vetor das provocações-reflexões que pretendemos gerar. É, podemos afirmar, uma aposta política em sentido amplo. Foi criado em 2007 como parte das ações de extensão da Universidade Federal de Alagoas, onde atuei como docente de 2005 a 2008. Uma parceria com o Instituto Zumbi dos Palmares, permitiu que o programa de rádio passasse a integrar a grade de programação da Rádio Educativa FM. Após minha mudança para a Universidade Federal da Bahia, em 2009, Latitudes Latinas passou a ser transmitido também pela rádio Educadora FM, de Salvador, e atualmente integra também a programação da rádio da Universidade Federal de São Carlos, em S. Paulo, e da rádio da Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, no México.

Entre diversas outras motivações, o projeto como tal surge como um dos desdobramentos de minha tese de doutorado realizada junto ao Programa de Pós Graduação em Integração da América Latina, da Universidade de São Paulo.<sup>3</sup> A partir de meu interesse pelos Estudos da Cultura na América Latina, de pesquisas realizadas sobre o tema durante meus estudos de mestrado na Universidade Andina Simón Bolívar, em Quito, Equador (1997-1999), bem como a partir de minha atuação como docente em cursos de Letras e de Comunicação, realizei entre 2003 e 2007 pesquisa de doutorado que abordou conexões entre a produção musical latino-americana e a tradição de pensamento que se debruçou, ao longo do último século e em todo o continente, sobre

---

<sup>3</sup> Para esta síntese sobre a origem e sobre as ações do projeto Latitudes Latinas, retomo aqui, em versão ampliada e atualizada, o que expus em BONFIM (2014).

questões relacionadas aos contatos interculturais e às indagações sobre a heterogeneidade da formação cultural nestas latitudes.<sup>4</sup>

O objetivo mais amplo era/é contribuir para a necessária aproximação entre o que se produz no âmbito artístico e acadêmico em nossos respectivos países. O estudo buscou, assim, por um lado, discutir o modo como se apresentam hoje questões que historicamente estiveram vinculadas ao debate sobre a heterogeneidade de nossa formação cultural. Por outro, buscava fomentar, no âmbito dos cursos e espaços dedicados à formação de docentes, de mediadores e agentes culturais, reflexões sobre a necessidade de investirmos esforços numa agenda de trabalho localmente situada. Adicionalmente, buscava ainda subsidiar os debates sobre práticas culturais contemporâneas e suas relações com a definição de políticas públicas para a educação e para a cultura.

Assim, com o intuito de pensar estes processos, selecionei, para a pesquisa realizada no doutorado, um conjunto de canções gravadas - entre 1991 e 2001 – por artistas latino-americanos. O exame em conjunto desta produção musical permitiu identificar algumas recorrências. Em primeiro lugar, identificamos a recorrência de um modo similar de lidar com repertórios musicais e culturais diversos. Aquele pequeno grupo de canções operava a partir de um procedimento afim: punha em contato saberes musicais locais (aquelas músicas consideradas como populares, folclóricas ou regionais) e ritmos, instrumentos e sonoridades mundiais. Um aspecto central aqui referia-se, portanto, à presença simultânea, num mesmo trabalho, de repertórios musicais e culturais heterogêneos, de repertórios e de tempos históricos diversos. É bem verdade que misturas musicais não constituem um fato inédito. Sabe-se que todo fato de cultura é fruto de uma série de empréstimos, rearranjos e adaptações – e a música integra e espelha de modo exemplar estas dinâmicas. Interessava, porém, indagar sobre o sentido que tem esta produção musical num contexto como o latino-americano, espaço geográfico-cultural que traz mais de um século de intensas indagações sobre os modos de se lidar com a multiplicidade de saberes que o constituem. Deste modo, aquele repertório, aquelas “maneiras de fazer música” foram examinadas em diálogo permanente com uma série de metáforas propostas ao longo do último século para

---

<sup>4</sup> Algumas das abordagens críticas ao espaço cultural latino-americano consideradas na pesquisa foram: antropofagia (Oswald de Andrade), transculturação (Fernando Ortiz), barroco (Alejo Carpentier), protoplasma incorporativo (Lezama Lima), neobarroco (Severo Sarduy), Calibán (Fernández Retamar), entre-lugar (Silviano Santiago), heterogeneidade não dialética (Cornejo Polar), hibridação cultural (García-Canclini) e criouliização (Édouard Glissant).

pensar as heterogêneas misturas ocorridas no continente. E este é um dos eixos que orientam hoje o projeto Latitudes Latinas. É, do mesmo modo, o referencial que baliza a maior parte das edições do programa de rádio. Ao colocar em cena composições que seus autores batizaram, por exemplo, de tecno-xaxado, coco-dub, bambuco-funk, punkuanito, poplore, salsa rap, tecno-folk, entre tantas outras combinações, busca-se evidenciar a pervivência de uma dinâmica que entrecruza, tensiona, saberes aparentemente (e apenas aparentemente) díspares. E que, neste processo, dá conta, à sua maneira, das tensões sociais, culturais diversas que experimentamos nestas latitudes.

Neste sentido, cada edição do programa de rádio se realiza a partir de um recorte temático. Há edições dedicadas a um determinado artista ou gênero musical, a um instrumento em particular (ou a uma família de instrumentos), a ritmos, danças, festas, cenas musicais, etc. Há também edições que abordam mobilizações sociais diversas relacionadas à agenda social e política da região. E há, do mesmo modo, edições que se realizam em função de cerimônias ou celebrações pontuais, a exemplo do we tripantu ou do inti raymi, cujo calendário coincide com as festas juninas que se celebram no Brasil.

Desde maio de 2015 Latitudes Latinas e o projeto Iberoamérica Social (<http://iberoamericasocial.com>) firmaram uma parceria que tem como propósito não apenas compartilhar conteúdos, mas realizar, coletivamente, uma série de ações presenciais que visam multiplicar os espaços de discussão, reflexão e formação. Iberoamérica Social é uma iniciativa que atua em rede e que conta também com uma revista eletrônica e com a qual definimos coletivamente pautas comuns. Assim, são discutidos, a partir das mais diferentes perspectivas e abordagens, temas como a violência (em seus mais diversos aspectos), a migração e suas implicações sociais, políticas, econômicas, culturais... humanas, enfim. Do mesmo modo, Latitudes Latinas conta ainda com colaboradorxs nas mais diversas latitudes. Artistas, pesquisadorxs, educadorxs, ativistas, ouvintes integram a rede de colaboradorxs que alimentam o fluxo de informações que são postadas diariamente no site e nas páginas que o projeto mantém nas redes sociais.

Como projeto, Latitudes Latinas conta ainda com um grupo de estudos sobre Teorias e Práticas Artísticas na América Latina, vinculado ao Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, do IHAC/UFBA. Este grupo subsidia tanto nossas pesquisas, quanto todas as demais ações que realizamos. E entre estas ações incluem-se um ciclo de encontros presenciais sobre arte e cultura latino-americana, um festival

bianual<sup>5</sup>, componentes curriculares de graduação e de pós, publicações diversas e o programa de rádio. Dadas as limitações de espaço, me detenho aqui de maneira pontual no programa de rádio, que agrega (e dialoga com) as demais ações do projeto.

Adotar o enunciado atribuído ao poeta Decio Pignatari <sup>6</sup> como título deste artigo e como um dos motes que orientam e acompanham nossas ações, significa também explicitar a opção por explorar nossa - muitas vezes involuntária - disponibilidade para a escuta. Ora, se o ouvido não tem pálpebras, significa também que pode ser interpelado, surpreendido com vozes, sons, saberes, com uma trilha sonora, enfim, que desarranje o rumo dos dias, que desconcerte certezas. Uma trilha sonora que inclua em nosso mapa mental, em nossa sensibilidade, sonoridades e geografias insuspeitadas, que desconcerte pela surpresa feliz das descobertas. Esta é uma das fecundas possibilidades que nos oferece o rádio. E dentro do rádio, a música. Música não (apenas) como entretenimento, convite ao baile, ao devaneio. Mas (também) como vetor de ideias, de leituras de mundo, de modos de estar no mundo. Música como produção de conhecimento.<sup>7</sup> Música como espelho e como profecia, retomo Attali, citado acima. Isto é, que engendre descobertas, que evidencie - pela via do sensível - o que estamos sendo e anuncie o que eventualmente podemos ser. Em síntese, a música, nos recorda Simon Frith, permite identificar o modo como vamos construindo nossa história cultural, política, etc (Frith, 2003). E este é, em minha percepção, um dos aspectos centrais em projetos como este. Assim, a opção por dedicar uma série de ações à difusão dos saberes, das culturas destas nossas latitudes implica também, e sobretudo, assumir uma agenda de trabalho. Porque não podemos seguir perpetuando desinformações, essencialismos, apagamentos. Especialmente como educadorxs, como agentes culturais que somos todxs, não podemos pactuar com leituras redutoras, com a perpetuação de caricaturas que, no

---

5 A primeira edição do Festival Latitudes Latinas, realizada em 2012, esteve dedicada às culturas negras latino-americanas. Uma síntese do que foi este festival pode ser conferida aqui: <https://youtu.be/weQegaZb91U>. Já a segunda edição, realizada em 2014, teve como tema o país tropical e a América Latina: <https://youtu.be/KPdKtAUpU9o>.

6 Ouvi pela primeira vez a expressão "Porque o ouvido não tem pálpebras" num spot realizado pela Asociación Latinoamericana de Educación Radiofónica (ALER) em Quito, no Equador. Esse spot era veiculado nos intervalos da programação de Rádio La Luna FM, de Quito, onde produzi e apresentei, entre 1999 e 2002, um programa diário dedicado à música e à cultura brasileira.

7 "Se você tem uma ideia incrível, é melhor fazer uma canção/ Está provado que só é possível filosofar em alemão..." canto-ironizou Caetano há alguns anos. E assim nos deu a deixa para seguir pensando na colonialidade do saber, que discuto mais adiante.

limite, terminam não apenas por contribuir com a invisibilização de saberes, mas por privar-nos do prazer e da necessidade vital de aprender, de conhecer.<sup>8</sup>

Na contramão de caricaturas que fazem sucesso em campanhas publicitárias, em programas humorísticos, em parte expressiva da cinematografia que nos alfabetiza esteticamente em clichês, buscamos problematizar imagens prontas sobre as culturas - quaisquer que sejam. Buscamos não apenas celebrar, reverenciar e difundir os saberes ancestrais destas latitudes, mas, de modo similar ao que propuseram alguns dos (mal) chamados "jovens escritores latino-americanos",<sup>9</sup> fazer esforços por compreender também as dinâmicas atuais de uma América "global, misturada, diversa, urbana, do século 21". (Fuguet & Gómez, 1996). No famoso e polêmico prólogo à antologia McOndo, os chilenos Alberto Fuguet e Sergio Gómez definem acertadamente como "aberrante, cômoda e imoral" a insistência em "vender um continente rural quando este, na verdade, é urbano":

No desconocemos lo exótico y variopinta de la cultura y costumbres de nuestros países, pero no es posible aceptar los esencialismos reduccionistas, y creer que aquí todo el mundo anda con sombrero y vive en árboles. Lo anterior vale para lo que se escribe hoy en el gran país McOndo, con temas y estilos variados, y mucho más cercano al concepto de aldea global o mega red. (...) Nuestro McOndo es tan latinoamericano y mágico (exótico) como el Macondo real (que, a todo esto, no es real sino virtual). Nuestro país McOndo es más grande, sobrepoblado y lleno de contaminación, con autopistas, metro, tv-cable y barriadas. En McOndo hay McDonald's, computadores Mac y condominios, amén de hoteles cinco estrellas construidos con dinero lavado y malls gigantescos. En nuestro McOndo, tal como en Macondo, todo puede pasar, claro que en el nuestro cuando la gente vuela es porque anda en avión o están muy drogados. (Fuguet & Gómez, 1996)

Isto é, seguir escrevendo, produzindo arte, como se o tempo não tivesse passado, é esforçar-se - às vezes deliberadamente, reconhecamos - por perpetuar estereótipos.<sup>10</sup> Daí

---

<sup>8</sup> E já aprendemos com a hoje viralizada conferência da escritora nigeriana Chimamanda Adichie (<https://youtu.be/wQk17RPuW8>) que o problema com os estereótipos "não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história." E sabemos bem os perigos de viver sob uma única história... Sabemos?

<sup>9</sup> Discuto as implicações deste sintagma no artigo "Música de McOndo: sobre ser joven, artista y latinoamericano en el siglo XXI", que foi apresentado durante o VIII Congreso de la Rama Latinoamericana de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, IASPM-AL, realizado em Lima, Peru, em julho de 2008.

<sup>10</sup> Os debates gerados em torno a este prólogo, assim como as intervenções dos escritores mexicanos, batizados de "geração crack" reavivaram, em muitos casos, as abordagens dicotômicas e muitas vezes maniqueístas que costumam pautar debates como estes. Como que recuperando o debate entre

que nossas edições do programa de rádio sejam pensadas também como uma forma de discutir ideias prontas sobre as culturas destas latitudes. E isto envolve, por um lado, atenção ao modo como nos referimos aos saberes musicais e culturais que difundimos - que não são jamais apresentados como "típicos", por exemplo. Afinal, o que é o "típico" senão um reducionismo? Por outro lado, pensando em possíveis provocações, uma determinada seleção musical apresentada no programa pode destacar, por exemplo, não necessariamente aquilo que se convencionou chamar de "música latina", mas quem sabe uma certa "América do Leste". E na trilha sonora, composições de bandas como os chilenos de La Mano Ajena e Banda Conmoción, os colombianos da Puerto Candelaria, os equatorianos da Nuages Jazz, os brasileiros da Karnak, entre tantos outros que fazem dialogar em seu trabalho saberes musicais locais com instrumentos, ritmos e saberes da tradição musical dos bálcãs. Ou que uma de nossas edições tenha tido por título uma pergunta: "América... Latina?" - e na trilha sonora tenham sido incluídas algumas das muitas e tantas vozes que não são exatamente...latinas: canções em aimará, qom, garífuna, guarani, purépecha, quéchua, em mapudungun...ou no "inglês crioulo" cantado na Ilha de Providencia, no Caribe colombiano. São convites a permitir-se, através destes passeios musicais, o encontro com outras leituras de mundo, outras sensibilidades, outros modos possíveis de entender a vida, insumos para pensar-nos, enfim. Mas são também convites para conhecer (e apoiar) as lutas de alguns destes povos pelo seu direito à terra, à cultura, à vida. São ainda interpelações através das quais propomos compreender que em paralelo às frenéticas dinâmicas urbanas pulsam ancestralidades; e que em paralelo às tradições ancestrais circulam também saberes que podem ser vetores de outras fecundas e criativas conexões. Tudo é muito mais complexo do que parece, claro. Não se trata, portanto, de exaltar misturas culturais colando nelas etiquetas que celebram acriticamente fusões, hibridações, rasuras, etc. Participar das dinâmicas contemporâneas de contatos interculturais supõe também diversos riscos aos saberes locais, sabemos. E é preciso estarmos atentxs ao modo como participamos destes processos. Mas valeria a pena, do mesmo modo, acompanhar um pouco mais de perto o que fazem as comunidades quando em contato com saberes outros. Que táticas e que estratégias orientam sua participação nestas dinâmicas? De que modo vivem-pensam-sentem, desde sua perspectiva, desde sua cosmovisão, estes

---

"apocalípticos e integrados" de Umberto Eco, ora se lamenta e se condena, ora se celebra (acriticamente) o que alguns desfrutam etiquetar de estética "pós-moderna".



contatos? Aproximar-nos e dedicar a estas práticas artísticas uma escuta menos apressada nos permitiria, por exemplo, constatar que jovens indígenas que cantam rap ou rock no idioma de sua nação não se sentem por isso menos "índios" - termo, aliás, posto em xeque de modo recorrente por estas gerações. Fazer, do mesmo modo, esforços por compreender que nem todo trabalho realizado por artistas, digamos, urbanos junto a comunidades rurais pode ou deve ser caracterizado como pilhagem. *Que las hay, las hay*, sabemos. Mas generalizações apressadas não são exatamente uma contribuição nestes debates tão urgentes e necessários...

Assim, os programas de rádio realizados por Latitudes Latinas - pensados a partir destas indagações estéticas e destas considerações éticas - buscam ser também intervenções, a partir da arte, em debates que dizem respeito aos modos como (nos) contamos nossa história cultural. Porque, afinal, reconheçamos, estamos falando também aqui de uma série de apostas por manter viva a pergunta sobre a diferença. Ante tendências homogeneizadoras, ante evidentes ameaças a saberes, a memórias, a modos de narrar-se as próprias histórias, é preciso manter vivas muitas perguntas. E uma delas diz respeito justamente à diferença. Afinal, particularmente no que se refere aos contatos interculturais como os mencionados aqui, não se trata de opções entre uma coisa *ou* outra, mas de um convite a, quem sabe, viver uma coisa *e* outra. Não por acaso a recorrência entre diversos destes artistas de imagens-síntese que combinam criativamente "raíces e antenas", "maizales y rascacielos". Aproximar gestos, práticas, fazeres, saberes não para fundi-los, não para harmonizá-los (no sentido de eliminação de tensões - tão necessárias, aliás), mas para explorar o que pode haver de fecundo nas tensões. Uma aposta, quem sabe, por experimentar vital e criativamente "la coexistencia en paralelo de múltiples diferencias culturales que no se funden, sino que antagonizan o se complementan." (RIVERA CUSICANQUI, 2010: 70). Não se trata, portanto, de uma celebração "multi", de um mero "reconhecimento", ou de uma política de inclusão da diferença (que, no limite, termina sendo também domesticação, cooptação, despolitização). A proposta, talvez possa ser pensada de modo mais ambicioso, mais contundente, mais urgente:

La meta no es simplemente reconocer, tolerar ni tampoco incorporar lo diferente dentro de la matriz y estructuras establecidas. Más bien, es implodir desde la diferencia las estructuras coloniales del poder, del saber y del ser como reto, propuesta, proceso y proyecto; es hacer reconceptualizar y re-fundar estructuras sociales, epistémicas y de existencias que ponen en escena y en relación equitativa lógicas, prácticas y modos culturales diversos de pensar y vivir. Por

eso la interculturalidad no es un hecho dado sino algo en permanente camino y construcción. (WALSH, 2007: 34)

E aqui torna-se incontornável pensar em nossa agenda de trabalho como educadorxs, como profissionais que se dedicam à formação de outrxs educadorxs, de agentes culturais, de mediadorxs, enfim. Poderemos seguir alheios às implicações sociais, políticas, humanas de nosso trabalho em educação, em arte, em cultura? Seguiremos alheios às demandas específicas dos contextos nos quais atuamos? Seguiremos sem problematizar abordagens que não contemplam um necessário exercício de auto-crítica? A esta série de questões vêm somar-se outras, que poderiam frequentar com maior assiduidade nossas salas de aula, nossos projetos de pesquisa, nossos espaços de atuação:

Que tipo de conhecimento/compreensão queremos/precisamos produzir e transmitir? Para quem e para que? Que métodos/teorias são relevantes? Com que fins queremos/precisamos produzir e transmitir tal tipo de conhecimento/compreensão? (MIGNOLO, 2002: 23)

Em que pese os esforços feitos ao longo dos últimos anos por pensar a educação mais como mediação que como ensino (BARBOSA, 2009: 13), isto é, mais como dialogia e menos como transmissão verticalizada de conteúdos, é evidente que seguimos ainda atados a uma série de vícios mentais que terminam por explicar a escassa atenção que recebem em nossa formação as experiências estéticas. Do mesmo modo, a igualmente escassa problematização a respeito dos cânones com os quais trabalhamos, assim como as acrílicas adoções de teorias, conceitos e jargões que terminam funcionando mais como barreiras que como pontes para o contato sensível com as artes, dizem muito do quanto estamos submetidos à colonialidade do saber. Afinal, o que está em jogo não é o domínio enciclopédico de um determinado repertório artístico; não é a habilidade de expressar-se nos jargões que tanto parecem excitar alguns "anteados" círculos *hype*.

O que está em jogo aqui tem a ver fundamentalmente com as implicações vitais da experiência estética; tem a ver também com a necessidade de uma abordagem que considere práticas artísticas não como matéria prima para a reflexão teórica, mas como uma forma possível e legítima de produção de conhecimentos; tem a ver ainda com a necessidade de manter presente a compreensão de que a produção de conhecimento é - sempre - geohistoricamente situada; que os cânones estéticos com os quais

tradicionalmente nos formamos não são únicos nem universais; mas tem a ver, sobretudo, - aqui cito Cortázar - com "os problemas vitais dos povos" destas latitudes.

Em sua "Carta a Roberto Fernández Retamar", escrita em 1967, em resposta ao pedido do mestre cubano para que Cortázar lhe enviasse um ensaio sobre a situação do intelectual latino-americano, Cortázar aborda justamente a dimensão ética de seu trabalho como escritor. Afirma, entre outras coisas, a relação intrínseca que identifica entre seu trabalho e o "destino histórico imediato dos homens". Estive duvidando até aqui se deveria ou não inserir na íntegra uma passagem desta carta. É extensa, reconheço. Mas necessária. Peço, portanto, licença para transcrever aqui essa passagem que considero especialmente relevante para o que estou propondo como reflexão sobre nosso trabalho como mediadorxs:

El lento, absorbente, infinito y egoísta comercio con la belleza y la cultura, la vida en un continente donde unas pocas horas me ponen frente a los frescos de Giotto o los Velázquez del Prado, en la curva del Rialto del Gran Canal o en esas salas londinenses donde se diría que las pinturas de Turner vuelven a inventar la luz, la tentación cotidiana de volver como en otros tiempos a una entrega total y fervorosa a los problemas estéticos e intelectuales, a la filosofía abstracta, a los altos juegos del pensamiento y de la imaginación, a la creación sin otro fin que el placer de la inteligencia y de la sensibilidad, libran en mí una interminable batalla con el sentimiento de que nada de todo eso se justifica éticamente si al mismo tiempo no se está abierto a los problemas vitales de los pueblos, si no se asume decididamente la condición de intelectual del tercer mundo en la medida en que todo intelectual, hoy en día, *pertenece potencial o efectivamente al tercer mundo puesto que su sola vocación es un peligro, una amenaza, un escándalo para los que apoyan lenta pero seguramente el dedo en el gatillo de la bomba.* (CORTÁZAR, 1994: 43)

Lidas - e pensadas - hoje, décadas depois de terem sido escritas, estas palavras ressoam ainda nestes nossos tempos como um convite a pensar nossas atuações a partir desse lugar que ocupamos no mundo. Como educadorxs, como mediadorxs, como cidadãos e cidadãs que habitam e circulam por contextos como os que nos movemos nestas latitudes, não identifiquei outra forma de atuar que não esteja amparada nesta dimensão ética que propõe Cortázar. Não é, sabemos, tarefa fácil. Afinal, estamos tratando aqui de "uma luta dirigida a enfrentar e desestabilizar as construções e imaginários de nação e de América "Latina" concebidos pelas elites locais, pela academia e pelo ocidente (...)" (WALSH, 2007: 34). Estamos falando de uma luta que exige que nos formulemos de modo cotidiano, permanente, perguntas como as propostas acima por Mignolo. E

para encarar estes desafios é preciso exercitar intensamente a escuta, é preciso encontrar modos de superar as tais cegueiras que nos impedem ver que não estamos vendo... É preciso, enfim, superar aquilo que Santiago Castro-Gómez chamou de "hybris do ponto zero." Ou seja, superar o modo como o discurso científico situa-se num lugar de enunciação que se pretende universal e neutro. Tal perspectiva, sabemos, termina por constituir-se como um "ponto de observação inobservado", um lugar de fala que não admite ser questionado. (CASTRO-GÓMEZ, 2007: 83)

As experiências que temos podido viver ao longo destes anos nas ações que realizamos com nossa equipe têm revelado que ante o - muitas vezes desanimador - panorama que nos espreita cotidianamente, há sempre brechas possíveis onde atuar. E parceirxs diversxs com quem contar. Afinal, assim como o ouvido não tem pálpebras, nossa sensibilidade não é surda.

## Referências

ATTALI, Jacques. *Ruidos - ensayo sobre la economía política de la música*. México, Siglo XXI Editores, 1995.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). *Arte/Educação com Mediação Cultural e Social*. São Paulo: UNESP, 2009.

BONFIM, Carlos, "Quem sabe outra oralidade? A propósito de práticas acadêmicas e indagações sobre a diferença". Em: CORDEIRO, V. M. R. ; GONZAGA, E. (orgs.) *Modos de ler: oralidades, escritas e mídias*. Curitiba: Arte & Letra, 2014. v. 1.

BONFIM, Carlos, "Canciones con 'y': la interculturalidad en la música latinoamericana contemporánea", *Memorias del 1.º Congreso Internacional de Antropología Aplicada*, Quito: Abya-Yala, 2000: 301-306.

CASTRO-GÓMEZ, SANTIAGO, GROSGOUEL, RAMÓN (comp.) *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CLASTRES, Pierre, *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. (trad. Paulo Neves), São Paulo: Cosac & Naify, 2004 [1980].

CORTÁZAR, Julio, "Carta a Roberto Fernández Retamar" (Sobre "Situación del intelectual latinoamericano"). Em: CORTÁZAR, J., *Obra Crítica/3*. Buenos Aires: Alfaguara, 1994: 29-43.

FRITH, S. "Música e identidad". Em: HALL, Stuart *et al* (comp.), *Cuestiones de identidad cultural*, Buenos Aires, Amorrortu, 2003: 181-213.

FUGUET, Alberto; GÓMEZ, Sergio. "Presentación del país McOndo". Em: FUGUET, Alberto; GÓMEZ, Sergio (Ed.) *McOndo*, Barcelona: Mondadori, 1996.

MIGNOLO, Walter & WALSH, Catherine; "Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Entrevista a Walter Mignolo". Em: WALSH, Catherine *et al.* (editores), *Indisciplinar las ciencias sociales: Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Perspectivas desde lo andino*, Editorial Abya Yala, Quito, 2002.

PENTEADO, A. & CARDOSO, W. "Arte, cultura e sujeitos nas escolas: os lugares de poder." Em: MOREIRA, A. F. & CANDAU, V. M. (orgs). *Currículos, disciplinas escolares e culturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014: 214-254.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia, *Chhiwinakax utwiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*, Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

WALSH, Catherine, "Interculturalidad y (de)colonialidad: Diferencia y nación de otro modo". Em: Pretextos educativos. *Revista Boliviana de Educación*, 7, 2007.

WENDEL, Ney. *Estratégias de Mediação Cultural para Formação do Público*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2013.

YAMPARA, Simón, Mundo "Indígena" y Educación Superior [*Marka Jaqinakan Qamawipana, Jacha Yatiqañanaka*] Interculturalidad: ¿encubrimiento o descubrimiento de las matrices civilizatorio culturales?. Em: SILVA AGUILA, Manuel (comp.), *Nuestras universidades y la educación intercultural*, Universidad de Chile, Santiago de Chile, 2009: 219-231.